

6.

Análise de dados

6.1. SER e ESTAR articulados a SN

Tendo em conta as considerações feitas sobre a forma do sintagma nominal (SN) e os processos intensivos no capítulo 4, vamo-nos debruçar sobre as amostras de nosso *corpus*.

Com vistas a apresentar uma análise que prime pela clareza tanto quanto possível, cuidamos pertinente tratar dos dados em quatro grupos separados, segundo os seguintes critérios: 1) forma do argumento (sujeito) ou do predicator; 2) referência endofórica ou exofórica⁹⁴; 3) ocorrência do verbo. Com base no critério 1), vamos considerar, num grupo separado, os casos em que ou o sujeito ou o predicator, ou ambos ao mesmo tempo, são formados por um núcleo substantivo (ou pronome substantivo) ou oração infinitiva (p.ex. Meu problema é confiar demais nas pessoas). Noutro grupo, consideraremos, tendo em conta o critério 2), os casos em que o sujeito precisa ser inferido com base num elemento anterior presente no texto ou com base em modelos cognitivos de contexto partilhados pelos interlocutores em interação. Finalmente, noutro grupo, trataremos das poucas, mas não menos relevantes, ocorrências do verbo “estar” relacionando a sintagmas nominais. Embora tenham sido menos frequentes as ocorrências de “estar” com esta classe de sintagmas, em nosso *corpus*, não nos parece que se trate de casos raros; ao contrário, acreditamos que comportam especificidades que não se notam nos casos, mais frequentes, em que figura o verbo “ser”.

Assumiremos, como ponto de partida de nossa análise, o postulado segundo o qual, dada a ocorrência de dois SNs, dos quais um é o predicator, o verbo preferencialmente selecionado por esse SN predicator é o verbo “ser”.

Principiemos, portanto, nossa análise.

⁹⁴ Na referência endofórica ou textual, consideram-se os casos de remissão anafórica; na referência exofórica, os casos em que o referente precisa ser inferido com base no conhecimento de mundo partilhado pelos interlocutores.

6.1.2. A forma dos sintagmas nominais

Parece-nos lícito dizer que a estrutura modelo de uma oração com verbo “ser” articulado a sintagmas nominais prevê, para o preenchimento da posição nuclear desses sintagmas um substantivo (geralmente, comum)⁹⁵. Assim, uma frase como (47) pode exibir a seguinte estrutura:

(47) O meu melhor amigo é meu pai.

SN₁sujeito

SN₂predicador

O uso da língua nos dá testemunho, no entanto, da diversidade de formas dos sintagmas nominais. Estes podem assumir, por exemplo, a forma oracional reduzida, por meio de um processo sintático a que Azeredo (2000) chama *transposição*. Casos há em que, embora apresente como núcleo um substantivo, sua ocorrência não se dá sem uma oração adjetiva que o modifique. O exemplo abaixo, colhido de nosso *corpus*, ilustra essa formação do sintagma nominal.

(48) Rui – A centrifugação é a hora que a máquina começa a mexer.

Vani – Ah, entendi. Será, Rui?

Note-se que o núcleo do SN predicador é modificado por uma oração adjetiva. Os dois SNs são passíveis de permutação, ou seja, são reversíveis, de sorte que o modo de organização da oração é do tipo identificador. O SN que identifica encerra uma definição do SN sujeito. Esse fato é importante, na medida em que nos permite fazer uma generalização a respeito do uso do verbo “ser”: o verbo “ser” entra a fazer parte de orações nas quais o SN predicador encerra uma definição do SN sujeito. Veja-se, por exemplo, a frase “a cabeça é a parte do corpo que contém o encéfalo, a boca e os principais órgãos dos sentidos”.

⁹⁵ Para efeito de argumentação, estamos ignorando, evidentemente, a complexidade da estruturação dos próprios sintagmas nominais.

Cumpra ainda observar que o SN que identifica só o pode fazer por meio do verbo “ser”, o qual desempenha, de acordo com nosso ponto de vista, a função de *operador de identificação*.

Considerem-se ainda os exemplos a seguir:

(49) Rui - É...tô no gancho. É a parte da piada que puxa pro final. Depois eu ligo. Aí...ó o cara pergunta e a notícia boa. Aí o médico responde. Tá vendo aquela enfermeira ali. To traçando ela...quer dizer a notícia boa não era nem pro cara, era pro pro...A Internet tem uma coisa sensacional o cara mandou uma notícia agora e daqui a 5 segundos o mundo inteiro já sabe. Vou ver se tem mais uma aqui.

(50) Rui - Meu hobby é ver mulher pelada em loja, adoro...rosto para o norte, olhar no eixo leste, oeste assim se você vê uma “bundinha” mais arrebitada não deve demonstrar grande emoções. Alguém deve tá de olho em você.

(51) Suzy - Ih! Se o sapo morrer são sete anos de azar

Vani - Ah! Então vamos botar um pedacinho da cueca na boca dele.

Suzy - Não, a simpatia é colocar a cueca inteira e não um pedacinho

(52) Vani - Minha melhor amiga foi pedida em casamento. Minha irmã vai ter outro neném. Minha prima tirou segundo lugar no vestibular de medicina. Sabe quando as más notícias vem assim uma depois da outra?

Vani - Não que eu tenha inveja de ninguém. Porque eu olhei no dicionário e isso não é inveja. Inveja é revoltar-se com a felicidade alheia Eu não tou revoltada, não tou mesmo. Só quero saber porque tá tudo mundo se dando bem e a minha vida continua esse cocô.

Em (49), também se acha um SN complexo na função de predador, constituído do núcleo “parte” modificado pelo complexo estrutural “da piada que puxa pro final”. Esse SN, encerrando uma definição, também serve para identificar a entidade “o gancho”, inferido do co-texto. A reversibilidade entre os dois SNs é possível. Em (50) e (51), o predador constitui um SN complexo que encerra uma definição do SN sujeito. Não obstante ser possível a reversibilidade, não há relação de identidade entre os sintagmas. Finalmente, em (52), em “isso não é inveja”, “isso” deve ser interpretado como “sentimento de insatisfação com o sucesso alheio”, conteúdo inferido com base na sequência “as más notícias vêm assim uma depois da outra”. A personagem Vani rotula de “más notícias”

acontecimentos venturosos ligados a pessoas que estima, o que sugere ser essa avaliação resultante de um sentimento de inveja. Vani se recusa a classificar esse sentimento de insatisfação de “inveja”. O verbo “ser”, aí, opera, então, uma categorização que, no entanto, é negada. Note-se, de passagem, que “inveja” figura sem qualquer determinante, o que sugere referência à classe. Posteriormente, em “é revoltar-se com a felicidade alheia”, o verbo “ser” introduz um sintagma que encerra uma definição do sujeito “inveja”. Não há relação de identidade entre os sintagmas, tanto no primeiro quanto no segundo caso.

Outro caso em que o SN complexo, na função de predicador, identifica, por meio de “ser”, a entidade designada pelo SN sujeito pode ser observado abaixo:

(53) Rui – Tá aqui, ó! O cartão aqui, ó! Ele tem um segredo. É o botãozinho vermelho debaixo do banco.

Vani – Fala mais alto, Rui. O assaltante do outro bairro ainda não ouviu.

Nesse exemplo, é necessário inferir o constituinte anafórico “o segredo” na função de sujeito de “é o botãozinho vermelho debaixo do banco”, a fim de que a relação de identificação estabelecida pelo verbo “ser” seja percebida. Nesse caso, mais uma vez, a reversibilidade entre os sintagmas se verifica.

Na ocorrência abaixo, o sintagma nominal predicador, que se apresenta sob a forma de uma oração reduzida de infinitivo encerra uma definição do SN sujeito.

(54) Rui - Vani, você insistiu três vezes.

Vani - Mas é lógico, Rui

Rui - Isso complica tudo, meu amor.

Vani - Por que?

Rui - Todo homem normal tem pelo menos um hábito sadomasoquista, é convencer a mulher de alguma coisa. Vani, ó, nós dois, tá? Carro, aqui estamos nós em casa dormindo.

Em (55), abaixo, o sintagma nominal complexo assume o papel de Identificador da pessoa referida pelo pronome “eu”. O verbo “ser” funciona como um operador de identificação. O sujeito “eu” e “a pessoa que mais toma banho

que eu conheço na minha vida” são correferenciais. É possível a reversibilidade entre os sintagmas.

(55) Vani - O que que é a coceira?

Rui - È que você não toma banho.

Rui - Você não toma banho, não Vani.

Vani - Ai, Rui, o que você tá...falando

Rui - Você não....

Vani - Rui, eu sou a pessoa que mais toma banho que eu conheço na minha vida.

Doravante, vamos considerar as ocorrências de sintagmas nominais predicadores não-oracionais. Esses sintagmas podem incluir um pré-determinante (artigo ou pronome adjetivo) e um modificador, ou podem apresentar apenas o núcleo substantivo.

(56) Vani- Errada. Cuspir na cara é uma atitude super Rock n´Roll. Se você vai num show de Rock tá arriscado a levar uma cusparada na cara.

(57) - ah! E? pois somando 400 dias eu fiquei olhando para você tirar meleca desse nariz, fingindo que está coçando, tá?

- Isso não é meleca, é secreção natural.

- Ah é?

- Isso não é sujeira.

- Ah sei.

- Quando a pessoa tira meleca, faz aquela bolinha assim e joga no chão? Ai, é o que? Para mim é pessoa sujismunda.

(58) Ney - Sabe o que é Rui, surgiu um problema no meu cabelo, não no meu cabelo não, no meu cérebro filho. É no meu cérebro. Sei lá surgiu um dedo.

Rui - Hein?

Ney - Não, não é um dedo.

Ney - É uma pelota. É uma bolha, filho.

(59) Silvana - Vê-se logo que é uma moça controlada, educada, de boas maneiras.

Rui - Tá vendo o jeito que ela fala. Não entendo o que ela tem contra a Vani.

(60) Rui – Ó! Sou um cara normal igual a todo mundo. Primeiro, passo sabonete aqui no peito, vou para a barriga, vou pro sovaco, passo no braço, vou lá pra bunda, dou uma lavadinha na região do pinto, vou descendo, aqui pela perna direita, levo até os pés, aí vou subindo aqui pela perna esquerda, vou até a bunda, dou uma ensaboada aqui, depois dou uma última lavadinha aqui na região do pinto e pronto. Dou uma enxaguada. Pronto. Normal!

Vani – Sou uma mulher normal. Passo metade do meu tempo pensando merda. Agora, por exemplo, estou aqui pensando que eu não devia ter dito uma coisa que eu disse. Que era melhor eu não ter dito. Ou ter dito de outra maneira, dizendo sem precisar dizer.

(61) Vani – É! Você é assim, sabe por quê? Porque você é uma pessoa alta!

Rui – Aha!

Vani – É verdade!

Os exemplos (56)-(61) ilustram, todos, casos de processos relacionais no modo atributivo. O SN predicador desempenha o papel de Atributo. O verbo “ser” funciona como um operador de categorização. Em (56), deve-se entender que “Cuspir na cara” é uma das atitudes super Rock n’Roll. Interessante ver que “uma atitude super Rock n’Roll” é uma expressão com que se “encapsula” o ato “Cuspir na cara”. Nesse sentido, graças ao verbo “ser”, “Cuspir na cara” entra a fazer parte do conjunto das atitudes super Rock n’Roll.

Necessário é destacar o fato de que o verbo “ser” é um recurso fundamental da função de simbolização da linguagem. Por meio de seu uso, o conjunto de nossas experiências de mundo pode ser segmentado e organizado com base nas categorias fornecidas pela linguagem. O verbo “ser” constitui, assim, um recurso essencial de classificação do mundo. Assim, no exemplo (56), “cuspir na cara” é recategorizado como “uma atitude super Rock n’Roll”.

Em (57), pelo uso de “ser”, operam-se diferentes categorizações para o referente “meleca”. Num primeiro momento, “meleca” é recategorizada como “secreção natural” (uma expressão eufêmica); num segundo momento, é recategorizada como “sujeira”. Posteriormente, a pessoa que tira meleca, faz bolinha com ela e a joga no chão é categorizada como “pessoa sujismunda”. O valor desses sintagmas desprovidos de artigo é atributivo; portanto, são eles classificadores ou qualificadores.

Os exemplos (58), (59), (60) e (61) também ilustram o uso do “ser” como operador de categorização. Note-se, de passagem, que em (61), o referente de “você” é incluído na classe das pessoas altas. Em outras palavras, “você” é um membro da classe das pessoas altas. Em (62), a seguir, topa-se uma ocorrência de SN predicador que se refere a todo um grupo em particular. O verbo “ser” também serve para operar a inclusão do referente “nós” na classe ou grupo designado pelo sintagma:

(62) Zeca Queirós – Que loucura, hein!

Vani – Loucura, não que nós somos antropólogos e estamos estudando esse tipo de filme.

Também nos exemplos que seguem pode-se perceber a função de categorização do verbo “ser”:

(63) Luana - Ai desculpa.

Rui - Não tem nada, tá certo, eu era um taradão, nojento eu não via possibilidade de um homem ter uma amizade com mulher sem segundas intenções, entendeu?

Luana - É, o homem é um ser mesmo muito rudimentar

Rui - Rudimentar, você falou certo. Rudimentar é a palavra. Mas agora eu vou falar uma coisa para você, eu juro por Deus, você pode até ficar nua na minha frente, tirar a roupa, ficar nua que eu não estou nem aí.

(64) Luana - Não, o voo foi um horror, nossa era um inferno tinha um cara que estava chupando gente, sabe gente que chupa gente...

- Ah sei...

Cuidamos pertinente chamar atenção para as ocorrências “era um taradão”, em (63), e “um horror”, em (64). Por se tratar de adjetivos substantivados, a forma substantiva herda um valor próprio do adjetivo, qual seja, o valor atributivo. Disso se segue que o substantivo passa a exercer um papel classificador ou qualificador, à semelhança de um adjetivo. Por força da ocorrência do verbo “ser”, operou-se uma categorização, respectivamente, dos referentes de “eu” e “o voo”. No primeiro caso, o enunciador se incluía na classe dos “taradões”; no segundo caso, a categorização resulta de uma avaliação negativa que o falante faz da situação. Não poderíamos deixar de considerar a ocorrência “era um inferno” que, apesar de

incluir propriamente um substantivo (e não uma forma substantivada de adjetivo), não se pode negar sua correspondência com a forma adjetival “infernai”. Também aqui o SN predicator “um inferno” cumpre um papel classificador, ou seja, atribui uma qualidade na base da qual, com o uso de “ser”, o falante categoriza a situação de vôo como “um inferno”. A julgar pelas representações imaginárias do inferno numa cultura cristã como a nossa, a avaliação que o falante fez do vôo é extremamente negativa.

Antes de por termo a esta subseção, gostaríamos de referir estes dois últimos exemplos em que se topam sintagmas nominais predicadores não-oracionais, numa relação caracterizada por identidade. O verbo “ser” serve de elemento para realizar a identificação. Os sintagmas são correferenciais.

(65)

Vani – Você é o dono da verdade, não é, ó Rui?

Rui - Não é que eu seja o dono da verdade!

(66) Rui – olha, acho melhor você falar meu nome verdadeiro, que é Paulão.

Tanto em (65) quanto em (66), o verbo “ser” funciona como um operador de identificação. Os sintagmas nominais implicados na relação estabelecida pelo verbo “ser” são reversíveis.

6.1.3. O verbo *ser* e as referências endofóricas e exofóricas

Traremos à cena os casos em que a competência para o uso do “ser” é dependente da capacidade de o falante mapear referentes de sintagmas nominais, na função de sujeito, que não assumem a forma de expressões descritivas. Tais referentes podem ser representados pela marca-zero, por uma forma pronominal genérica (como “isso”, “aquilo”) e podem, ainda, ser recuperados com base nos contextos sociocognitivos partilhados pelos interlocutores, ou ainda nas próprias circunstâncias da situação de interação.

Começemos, pois, atentando para os seguintes exemplos:

(67) Rui – Vani, juro não vamos brigar não, tá?

Vani – Claro que não, que isso.

Rui – Está bom, que é só uma brincadeira. tá? Não precisa ficar tão competitiva.

Vani – Que isso, Rui?

(68) Rui – Oh Vani você vai ficar pensando? Em cada jogada, você vai levar esse tempo todo pensando.

Vani – Poxa, isso aqui é jogo de estratégia, Rui.

Rui – Vani, não está valendo o título mundial não, meu amor. Está entendendo?

Vani – Jogo é jogo. Eu não jogo para perder.

(69) Vani – Não, espera aí, onde você vai?

Rui – Eu vou ali, ganhar um tempo, fazer alguma coisa né. Você demora para caramba.

Vani – Não, mas não pode.

Rui – Mas por que não pode por que?

Vani – Porque é a regra do jogo.

Parece-nos que esses casos são bastante emblemáticos da pertinência da teoria sociocognitiva de contexto proposta por Djik (2012) e esposada por nós com vistas a desenvolver uma descrição que dê conta da influência dos fatores contextuais no uso de “ser” e “estar”. Constitui um princípio basilar de sua abordagem sociocognitiva de contexto a ideia de que a situação social objetiva é cognitivamente reconstruída pelos interlocutores. É nesse sentido que a situação social experienciada apresenta uma interface cognitiva na consciência dos falantes – consciência cuja realidade fundamental é o signo. Trata-se de uma consciência que é produto de vivências sociais. Os contextos, à luz da abordagem sociocognitiva de Djik, são modelos mentais. Modelos mentais representam cognitivamente as nossas experiências.

As amostras (67), (68) e (69) são parte de uma situação de interação em que Rui e Vani procuram entreter-se jogando xadrez. Trata-se de uma experiência representada na consciência dos interlocutores na forma de um modelo mental (supostamente por já ter sido vivenciada num momento anterior). Como seja uma experiência representada na memória deles, ambos se reconhecem como participantes de uma atividade submetida a regras e que demanda raciocínio ágil e mobilização de estratégias. No entanto, seus modelos mentais da experiência ‘jogo de xadrez’ incluem, entre outros conhecimentos, o conhecimento sobre seu

status como participantes, ou seja, eles sabem não serem jogadores profissionais, mas tão-só amadores. Ademais, são pessoas intimamente ligadas (noivos) que, no momento em que decidem jogar xadrez, concordam em assumir o papel de jogadores.

Essa breve descrição dos aspectos relevantes do modelo de contexto parece-nos bastante para iluminar a análise que faremos dos referidos casos. Começamos notando que, em (67), com base na experiência pessoal de Rui de ‘jogo de xadrez’, lhe foi possível recategorizá-la como “só uma brincadeira”. O sujeito de “é só uma brincadeira” é ‘jogo de xadrez’ ou, mais precisamente, ‘a atividade de jogar xadrez’. A personagem Rui, dando-se conta de que Vani demonstrava-se interessada em vencer, procura negociar com ela o significado de “jogo de xadrez”, lembrando-a de que se trata de nada mais do que “uma brincadeira”. Em (68), “isso aqui” refere-se a “jogo de xadrez”, que, por sua vez, é recategorizado como “jogo de estratégia”. Essa forma de categorização operada por Vani sinaliza para uma tentativa de fazer valer um outro significado para “jogo de xadrez”. Sendo um “jogo de estratégia”, ela espera que sua demora em adotar um plano de ação seja justificada. Não poderíamos deixar de notar o efeito de sentido produzido no fragmento de fala “jogo é jogo”. A redundância da construção não nos pode ofuscar a percepção de que “jogo”, para Vani, deve ser categorizado como ‘uma atividade de que se participa tendo em vista apenas a vitória’. O jogo que não se joga para ganhar não é, do ponto de vista de Vani, jogo.

Em (69), “é a regra do jogo” faz referência ao conjunto de regras do jogo, pelo menos tal como está representado no modelo mental de Vani de jogo de xadrez. O SN sujeito precisa ser inferido com base na expectativa de Vani sobre quais as regras devem presidir o jogo de xadrez, entre as quais está ‘não se levantar’ ou ‘não se alienar da situação de jogo’. Poder-se-ia propor, visando à integridade do enunciado, a seguinte versão “Não se levantar é a regra do jogo”.

Vejam-se, ainda, os exemplos abaixo:

(70) Vani - Ai Rui o que você tá procurando

Rui - Uma coisa aqui.... importante...achei, Vani. Vani, achei.

Vani - O que é?

Rui- Uma espátula.

Vani - O que você vai fazer com uma espátula, Rui?

Rui - Pra gente jogar verdade ou espátula.
 Vani - O quê?
 Rui - Verdade ou espátula
 Waldo - O quê?
 Luana - Não conheço isso.
 Vani - Nem eu
 Rui - Ih não conhece, tão boiando.
 Luana - Não
 Rui -Jogo sensação do momento, os casais do mundo inteiro jogam isso.
 Você gira a espátula, gira, a espátula volta pra uma pessoa. Aí você vai falar para essa pessoa: verdade ou espátula. Se a pessoa falar verdade, a pessoa vai ter que dizer a verdade.
 Vani - Tem que dizer?
 Rui -Tem que dizer
 Luana - Ah, gostei disso.
 Rui - Tem que dizer a verdade
 Também - Também
 Rui - Outra, se a pessoa...
 Rui - Tem que dizer a verdade.
 Vani - Verdade.
 Rui - A gente já entendeu, todo mundo.
 Rui - Mas se a pessoa falar espátula, aí a pessoa leva uma espatulada.
 Vani - Aonde?
 Vani - Ai.
 Waldo - Que isso rapaz...
 Luana - Caramba.
 Rui - Foi uma demonstração.

(71) Waldo - Você não disse para mim que sua amiga Vani era completamente maluca?
 Luana - Você tá louco, né?
 Vani - O quê? Você disse que eu era maluca?
 Luana- Eu não falei isso, peraí, deixa eu explicar.
 Waldo - Falou, completamente maluca.
 Waldo - Completamente maluca, falou.
 Luana - Ah, deixa eu explicar.
 Luana - Quando você diz que uma pessoa é completamente maluca, não quer dizer que ela seja realmente seja maluca.
 Vani - Ah, não, quer dizer o quê?
 Vani - Não.
 Luana - Você que é maluca.
 Luana - Como é que é?
 Waldo - Peraí.
 Waldo - Isso é brincadeira

(72) Vani – Sei lá! Tô bem, tô ótima. Isso é hormônio, né?
 Rui – Que hormônio?

Em (70), o referente do sujeito de “foi uma demonstração” deve ser inferido com base em informações prévias fornecidas pela personagem Rui, tais como, por exemplo, as informações atinentes à instrução sobre como jogar o jogo da espátula. A certa altura de sua explicação das regras do jogo, Rui diz que, se o participante escolher dizer “espátula”, “leva uma espatulada”. A dor experimentada por Vani foi produzida pela espatulada que Rui lhe deu. Portanto, a ação de bater com a espátula em Vani foi categorizada por Rui como “uma demonstração”. O verbo “ser”, em “foi uma demonstração”, opera uma categorização. A oração, que poderia assumir uma forma como “A espatulada foi uma demonstração”, exibe um processo relacional no modo atributivo.

Em (71), também o verbo ser cumpre uma função categorizadora. O que está sendo categorizado depende de que identifiquemos o referente do sujeito “isso”. O pronome refere-se ao fato de Rui chamar Vani de maluca, e é este fato que foi categorizado como “uma brincadeira”. O exemplo (71) é análogo ao exemplo (72). No entanto, é preciso ponderar sobre o seguinte. O referente de “isso” é a súbita sensação de bem-estar experienciada por Vani. Até a essa altura, Vani vinha se queixando de que estava se sentindo mal. Repentinamente, sentiu-se bem e concluiu que esse bem-estar se tratava de um efeito de hormônios. A rigor, não é o bem-estar que é categorizado como “hormônio”, mas “o efeito de bem-estar”. A oração poderia ter a seguinte versão “Isso é um efeito de hormônio”.

No exemplo (73), a seguir, o sujeito de “é uma moça controlada, educada, de boas maneiras” é Vani. Também, nesse caso, opera-se uma categorização mediante o uso de “ser”; há que se notar que o artigo indefinido do SN predicador destaca o referente para efeito de caracterização. Trata-se de um uso referencial do artigo, visto que o referente de “uma moça” é conhecido dos interlocutores na situação de comunicação. É preciso insistir que, com o uso de “ser”, o referente “Vani” é incluído na classe ou categoria das “moças controladas, educadas e de boas maneiras”. Escusa dizer que essa categorização tem efeito irônico.

(73) Vani - Mas é que todas relações familiares são assim mesmo, não é mesmo; cheio de rugas, mas no fundo aqui, todo mundo se ama, não é! Bom agora que a gente já conversou, pelo amor de Deus aonde é o banheiro?

Silvana (mãe de Rui) - Segunda porta a direita, por que você não falou? Cuidado!

Silvana - Vê-se logo que é uma moça controlada, educada, de boas maneiras.

Rui - Tá vendo o jeito que ela fala. Não entendo o que ela tem contra a Vani.

6.1.4. As ocorrências de *Estar* com SN predicador

Malgrado terem sido menos frequentes, nosso *corpus* abriga usos do verbo “estar” com sintagma nominal predicador. Conquanto tenhamos apontado para a sistematicidade do uso de “ser” no ambiente sintático ‘SN__SN’, a língua não deixa de nos dar testemunho do uso de “estar” nesse ambiente, o que constitui razão suficiente para que busquemos compreender quais os fatores envolvidos na escolha desse verbo. Impomo-nos, doravante, essa tarefa.

Convém lembrar que, neste trabalho, assumimos que o verbo “estar” desempenha duas funções: a de *transpositor* e a de *operador de circunstancialização*. A primeira das funções é geral, isto é, é desempenhada por “estar” quando da combinação com: __SN, __SAdj. e __SP. Como já dissemos, o verbo “estar”, como transpositor, transpõe a função de predicação ao elemento que se lhe segue imediatamente à direita. Assim, em “Vani está linda”, é ao adjetivo “linda” que devemos: a) a possibilidade de ocorrência do verbo “estar”; b) a forma e natureza semântica do sujeito; c) a atribuição de uma qualidade ou propriedade ao sujeito. Essas três atribuições do adjetivo o habilita a cumprir a função de predicador; entretanto, saliente-se que ele não estaria habilitado para tanto sem a presença do verbo. A predicação é um modo de organização sintático-semântica que supõe um verbo. Outrossim, é preciso lembrar que o verbo “estar” (tanto quanto o verbo “ser”) contribui para a construção do significado do enunciado. Eles não são meros elementos de ligação. Lembremos que muitos usos de “estar” veiculam pressupostos, tais como ‘estado resultante de mudança’ ou ‘estado passível de mudança’.

Vamo-nos debruçar, então, sobre os exemplos encontrados em nosso *corpus*.

(74) Marta – Não perai gente. Perai. Não foi bala perdida não. O sangue nas minhas costas foi ele.

Rui – Não, não foi. Eu tinha que espremer. Tava uma coisa enorme.

(75) No restaurante:

Rui – Hum!

Vani – Tá ótimo!

Rui – Olha que delícia! Tá uma delícia, hein? Tá não?

Vani – Hum, hum!

Rui – Hum? Gostou? Que que foi?

Vani – Tem cebola, Rui.

Rui – Mas você pediu sem cebola?

Vani – O nhoque à romana, o verdadeiro, não tem cebola.

Rui – Ah, ta! Falsificaram o nhoque?

(76) Rui – A cotação do dólar, hein, caraça!

Vani – É, perai

Rui – Tá uma loucura a cotação do dólar, hein?

Vani – É, perai... Só um minutinho, Rui...

Rui – Vocês tão conversando em particular?...

(77) No banheiro, Vani vomita dentro do reservado.

Bete – Menina, eu era assim que nem ela. Me entupia de comida, ia para o banheiro e argh, argh, argh. Né, parece maluco, né? Não é não? Isto é uma psicose. Psicose, menina. A pessoa está magra, mas pensa que está uma bolota. Ah, mas tudo bem Agora, eu estou tomando este antidepressivo aqui. Tarja preta que deixa a pessoa descacetada.

A primeira observação que deve ser feita sobre essas ocorrências de “estar” articulado com SNs é que o SN predicador assume uma função atributiva, à semelhança de um adjetivo. Começamos, então, por compreender a situação de (74). O sangue nas costas da personagem Marta é de uma espinha que Rui espremera. O sujeito de “tava uma coisa enorme” é “a espinha”⁹⁶. O uso de “estar” leva a que interpretemos o SN “uma coisa enorme” não como uma expressão de categorização, mas como expressão de um estado ou aspecto resultante de uma mudança sofrida pela espinha. Trata-se de um estado ou aspecto marcado como circunstancialmente adquirido pelo referente “espinha”. O verbo

⁹⁶ Parece-nos que o contexto sugere uma ambiguidade, já que poderíamos subentender um constituinte como “nas costas dela”, do que resultaria a forma “uma coisa enorme estava nas costas dela”. Nesse caso, “estar” seria selecionado por um predicador SP. Preferimos, no entanto, não fazer qualquer inferência que alteraria a estrutura original da expressão linguística. Mantemo-la tal como ela se nos apresentou, com base em informações contextuais prévias.

“estar” é que marca a circunstancialidade do estado. Acrescente-se que, se “uma coisa” retoma anaforicamente o referente “a espinha”, evitando, assim, que a repetição do termo “espinha”, disso resulta que é a própria espinha que sofreu uma modificação em seu estado ou aspecto (cf. A espinha estava uma espinha enorme).

Em (75), é notável, de imediato, a correspondência entre “uma delícia” e o adjetivo “delicioso”. O valor do constituinte “uma delícia” é atributivo, de sorte que funciona à semelhança de um adjetivo. Interessante é notar que o artigo “uma”, combinado com traços suprasegmentais (uma entonação ascendente, por exemplo), funciona à guisa de um “intensificador”, o que reforça o valor adjetival da expressão. Por meio da expressão “uma delícia”, o falante expressa o prazer experimentado ao saborear o alimento. Ele faz uma valoração circunstancial positiva do alimento. Deve-se salientar que o uso de “estar” circunstancializa a predicação da qualidade ou - alargando nossa compreensão para o domínio discursivo- circunstanciaaliza a valoração positiva do alimento.

Finalmente, considerando-se os exemplos (76) e (77), devemos ponderar o que se segue. Em (76), “uma loucura” também tem valor atributivo e pode corresponder à forma adjetiva “muito louca”. O artigo, à semelhança do que ocorre no exemplo (75), também se comporta como um intensificador, não sem o concurso de certa entonação na pronúncia. A escolha por “estar” também circunstanciaaliza a atribuição da qualidade. Parece-nos lícito inferir que, no constituinte “uma loucura”, “loucura”, usado no sentido figurado, pode significar “elevadíssima”, “alta”, “impressionante”, etc. Com o uso de “estar”, o falante atribui uma qualidade ao referente “a cotação do dólar”, com base numa avaliação circunstancial do próprio referente. Em (77), também temos uma relação atributiva com “estar”. O SN “uma bolota”, que expressa uma metáfora, deve ser entendido como ‘estado resultante de mudança’, conteúdo atualizado pelo uso de ‘estar’. A circunstancialidade que “estar” imprime à atribuição é realçada, se contrastamos (77) com a versão em que figurasse “ser” (p.ex. A pessoa pensa que é uma bolota).